

Simpósio na Unicamp discute atualidade do pensamento freudiano e novos desafios da psicanálise

O que Freud explica nos dias de hoje?

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Sigmund Freud viveu numa sociedade que exercia forte controle sobre o comportamento sexual dos indivíduos, em especial das mulheres, que se sentiam culpadas, pecaminosas e sujas ao verem brotar os desejos dentro de si. A repressão sexual era a base para a neurose do tipo histeria que, particularmente na Europa ocidental, tornou-se quase epidemia em todas as classes sociais: jovens mulheres apresentavam quadros graves com desmaios, alterações de dupla personalidade, paralisias, convulsões. Na sociedade de hoje, sexualmente liberalizada, aquelas

Encontro marca os 150 anos do nascimento de Freud

neuroses clássicas dificilmente são encontradas – por vezes em subgrupos específicos, como de religiosos onde o controle da libido permanece intenso.

“Mas vale acrescentar que Freud, sua teoria e a psicanálise contribuíram muito para aumentar a tolerância e permitir as realizações sexuais. É uma prova de que Freud está presente em nosso tempo”, observa o psiquiatra e psicanalista Mário Eduardo Costa Pereira, professor da Faculdade de Ciências Médicas.

“A atualidade do pensamento freudiano” é o tema do 1º Simpósio Internacional sobre os 150 Anos de Freud, que vai reunir na Unicamp especialistas brasileiros e franceses, entre 24 e 26 de agosto (veja texto nesta página). O encontro comemora uma data redonda do nascimento de um dos autores mais importantes do século 20, que provocou uma revolução no âmbito humano ao desenvolver uma teoria da mente a partir dos processos psíquicos inconscientes e uma técnica terapêutica para pessoas afetadas psicologicamente. Mas permite principalmente para fazer um balanço sobre a atualidade de seu pensamento e incentivar uma discussão visando reposicionar os eixos da própria psicanálise. “A história da psicanálise mostra que se esperava de Freud mais do que ele criou ou poderia dar, na expectativa de encontrar em suas teorias e práticas uma explicação geral para tudo que decorra do humano. Trata-se de um grande mal-entendido dentro da disciplina, que precisa estabelecer claramente qual é o seu âmbito de competência”, afirma Costa Pereira, coordenador do evento.

O professor, que coordena também o Laboratório de Psicopatologia Fundamental, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, lembra que até Freud acreditava-se que o humano era transparente por si mesmo, capaz de conhecer-se através da consciência. Freud mostrou toda uma dimensão da mente que determina os caminhos do indivíduo, um motor inconsciente que não reflete apenas uma pureza ou espontaneidade interior, mas as marcas da tradição, cultura e língua da família que prepara o acolhimento da criança no mundo. Seus conceitos de inconsciente, desejos e recalque propõem uma mente não mais unitária mas dividida, em conflito consigo mesma e dominada em certa medida por tendências eróticas e agressivas escondidas, mas que se manifestam nos lapsos e nos so-



Oscar Nemon esculpindo Freud “zangado com a humanidade”, em 1931, foto reproduzida de Diário de Sigmund Freud – 1929-1939: crônicas breves (Artmed, 2000)

nhos. “Hoje, se você comete um lapso quando conversa, a outra pessoa logo verá algo que o lapso denuncia. É um sinal de que todos nós já lemos o humano com olhos freudianos”, exemplifica o organizador do simpósio.

Se as histerias dos tempos de Freud já não estão tão presentes, Mário Costa Pereira ressalta as estatísticas no campo da psiquiatria mostrando que as taxas de depressão crescem sem parar. “É evidente que o pensamento freudiano encontra desafios com as marcas dos nossos tempos, como o debate com as neurociências, com o atual sistema econômico neoliberal e a construção de subjetividades numa sociedade globalizada”, pondera. Nesse sentido, o professor considera que a teoria e a metodologia de Freud talvez sejam as únicas que se propõem a estudar a subjetividade, tomando cada ser humano como singular, mesmo pertencendo ao grupo genérico dos humanos.

Entre os parâmetros ideias de hoje para que o indivíduo avalie sua vida, segundo o professor, estão o trabalho, o dinheiro, a beleza, os bens de consumo, o sucesso. No entanto, poucas pessoas alcançam estas metas, sendo que muitas já são antecipadamente excluídas da corrida, impedidas sequer de sonhar com esses ideais por causa das condições socioeconômicas. “O preço para se atingir as promessas de felicidade capitalista é a frustração, a angústia, o estresse, a hipertensão, a crise de pânico. Há quem atinja e se dá conta de que não chegou ao paraíso. Quem se vê excluído do processo, acha-se um ser humano de segunda categoria e fica igualmente a um passo da depressão”, atesta.

Mário Costa Pereira estará entre os palestrantes do primeiro dia de simpósio, relacionando a atualidade do pensamento de Freud face aos avanços das neurociências e da

genética psiquiátrica na concepção do funcionamento mental humano. Ele vai advertir sobre o risco de se incorrer no mesmo pecado cometido pela psicanálise contemporânea, esperando-se das neurociências, por exemplo, respostas para todas as questões do humano. “Nenhum pesquisador sério supõe que exista um processo psíquico desancorado de uma base material. O problema está em aceitar, simplesmente, que o único registro válido de pensar o humano esteja no nível neurobiológico ou genético, buscando soluções com base nas pesquisas com neurônios, sinapses e neurotransmissores. É preciso levar em conta os conflitos amorosos, os sentimentos de culpa e de esperança, os desejos, em seu registro próprio, sem chegar ao ponto de descrever tudo isso na linguagem das moléculas”, compara.

Do divã à pílula – Em outra referência aos recursos modernos – quando Freud recorria às confidências do divã, através do método da associação livre (e antes da hipnose) –, o professor de Unicamp faz ressalvas quanto ao uso, sobretudo ideológico, dos medicamentos disponíveis para aliviar sintomas como mal-estar, depressão, ansiedade, insônia, impotência e para o controle de sintomas psicóticos. “As drogas são úteis do ponto de vista clínico, mas as grandes questões humanas não se resumem à falta de Prozac. Uma boa pílula não ataca os problemas concretos em nível existencial. Também é verdade que, tecnicamente, estamos cada vez mais próximos da ‘pílula da felicidade’, o que vai exigir uma avaliação dos aspectos éticos na introdução desse tipo de droga, pois os conflitos e desejos humanos, enquanto tais, estão fora do âmbito da farmacologia”.

A propósito, Costa Pereira acrescenta que nunca houve uma

medicina tão baseada na ciência e tecnologia, cuja eficácia está comprovada, mas que provoca sérios reflexos na clínica médica. “Temos cada vez mais médicos especialistas, com conhecimentos que brotam das ciências naturais, e menos a figura do médico que se preocupa com a dimensão humana da doença e o sofrimento do paciente. Não é casual, portanto, o número sem precedentes de pessoas de todas as classes sociais que estão recorrendo a curas alternativas e espirituais – cristais, duendes, bruxarias. Novamente, vemos um sinal de que a tecnologia dá resposta a problemas pontuais, mas deixa completamente intocadas as grandes questões humanas, as quais emergem com toda sua intensidade justamente no âmbito da prática médica”.

Uma crítica ácida a Freud é de ter se ocupado somente de pacientes da classe abastada da sociedade e que seus estudos talvez tenham sido limitados por peculiaridades desta elite. Ainda hoje, a psicanálise é inacessível para a maioria da população, o que representa outro desafio, na opinião de Costa Pereira. “É realmente importante conhecer técnicas que não sejam tão dispendiosas, ao alcance dos pacientes mais pobres. Um caminho é disponibilizar a psicanálise nos serviços públicos de saúde. O Hospital das Clínicas da Unicamp já oferece uma clínica psicanalítica, que obviamente não segue os parâmetros de uma clínica privada de Viena do século 19, mas nos obriga a re teorizar o uso de dispositivos clínicos propriamente psicanalíticos que possam ser úteis à população”, informa.

Outro bom caminho aberto no Brasil, na opinião do professor, é o Programa de Saúde da Família, que pretende dar vez a um tipo de profissional preocupado em atender e ouvir o paciente inserido em seu



O professor Mário Eduardo Costa Pereira, coordenador do simpósio: “O pensamento freudiano servirá como um dos pólos do debate sobre psiquismo”

150 ANOS DE FREUD

“Freud é um desses autores incontornáveis, que quando expulso pela porta, volta pela janela, tocando no âmago das grandes questões humanas. O pensamento freudiano tem defensores e críticos, mas sempre servirá como um dos pólos do debate sobre o psiquismo e como matriz comum para as diversas escolas da psicanálise e para praticamente todas as áreas psíquicas”, ilustra o professor Mário Eduardo Costa Pereira, coordenador do 1º Simpósio Internacional sobre os 150 Anos de Freud. As mesas do simpósio estão organizadas para debater a atualidade do pensamento de Freud e sua contribuição na clínica psicanalítica e na formação de analistas, bem como os novos horizontes e desafios na área.

Os convidados, brasileiros e franceses, são todos conhecidos no meio e envolvidos em debates sobre os novos horizontes e desafios para a psicanálise. Para não omitir nenhum brasileiro, Costa Pereira oferece informações apenas sobre os franceses. Jean-Jacques Rassinat, professor titular da Universidade de Marselha, é bastante conhecido no Brasil por seus trabalhos sobre adolescência, mas também vem atuando na relação da psicanálise com as ciências cognitivas. Jacqy Chemouni, da Universidade de Caen, vai falar de psicanálise e política, confrontando as visões freudiana e marxista. Jacques André, da Universidade Paris 7, realiza pesquisas com a adolescência e também com um tipo de alteração importante da personalidade chamada de “estados-limite”.

INFORMAÇÕES
www.fcm.unicamp.br/
departamentos/psiquiatria/
psicopatologia/simpósio-freud

contexto econômico, social e familiar. Mário Costa Pereira observa aí uma contradição do sistema de saúde, pois nele o médico é remunerado por procedimentos técnicos e se paga pouco por consultas. “No nosso sistema tempo é dinheiro, sendo que o serviço público ainda precisa dar conta da grande demanda. Por outro lado, para a população, a figura do profissional altamente especializado que recomenda exames sofisticados virou um fetiche, quando a maior parte dos casos poderia ser resolvida no nível da clínica geral. Introduzir no sistema o médico de família, que olhe o paciente como um humano doente e não como um corpo biológico doente, é mais um desafio para a política de saúde”.